

Aluna: **Lívia Cristina Gomes Maalouf**

Ciclo 03

Turma: **Quarta-feira de manhã (09h00 às 12h00)**

Título: O CASAL PERVERSO

O CASAL PERVERSO - dinâmicas da cama ao divã

Caracterização da Montagem Perversa

O neurótico, embebido pela fantasia de união ou completude, tem o amor objetal, que é sabotado pela proibição (Freud) ou impossibilidade (Lacan). Na perversão, no entanto, o indivíduo, apesar de também atuar pela relação simbólica e objetal, tem a capacidade de colocar um véu sobre o objeto que desliza, transformando-o em um objeto fetiche.

O objeto fetiche é “parado”, no sentido de que se torna algo fixo, imóvel e “morto”. O objeto, para servir a esse fim, deixa de ser total (pessoa) e passa a ser parcial.

Por exemplo, o objeto é um pé, deixa de ser um outro dinâmico, e passa a ser algo controlado, esquematizado e sem vida. O objeto pretensamente satisfaz o gozo, mas, para tal, deixa de ser objeto-sujeito e torna-se objeto em si, rígido, claro e morto em sua fantasia.

O falo, que falta ao sujeito perverso (assim como a todos), retoma a sua potência ante a relação objetal controlada através do objeto parcial.

Nesse sentido, seria a relação perversa a relação entre o sujeito perverso e o objeto fetiche, encoberto pelo véu da paralisação. Assim, assume-se uma suposta “não falta”, desde que tal gozo seja usufruído pela assunção de parcialidade do objeto.

E quando a perversão se coloca não através do “objeto em si” (por exemplo o fetiche em pés, ou no brilho específico do nariz, ou na fantasia de coelho)? Na lógica da perversão que toma por objeto um sujeito, qual a dinâmica? É necessária a mobilização do outro para um estado puramente objetual, rígido e abandonado de sua subjetividade? É preciso que o sujeito deixe de ser total e passe a ser parcial? Se sim, isso se daria apenas perante o perverso ou para o próprio sujeito do par também? Em que termos e com quais finalidades é formado esse contrato? A que serve a esse outro assumir o papel de objeto despersonalizado?

É esse o recorte que será aprofundado nesse texto. Sem a pretensão de responder definitivamente nenhuma das questões acima, vamos nos debruçar sobre a possibilidade de uma relação perversa entre dois sujeitos. Em especial, entre um sujeito de estrutura psíquica perversa e um outro neurótico.

Uma leitura muito interessante sobre esse tipo de aparente dinâmica de utilização é a da *montagem*. O termo montagem designa a “*operação pela qual se juntam peças de um mecanismo para fazê-lo funcionar*” (Dicionário de Oxford).

Assim, os indivíduos se dispõem de modo estratégico e organizado, numa tentativa de se chegar à modalidade de gozo que aparenta ser possível.

E como se delinea essa possibilidade de gozo para a união de um sujeito perverso com um neurótico?

Uma característica marcante dessa organização seria a construção de um contrato, ainda que tácito.

“Funcionando” o sistema operacional escolhido, há aderência irrestrita às normas e leis da própria relação, que são colocadas como regras de cumprimento cabal, a despeito de sua lógica ou adequação ético-moral.

Esse contrato, muitas vezes, fundamenta relações duradouras e aparentemente bem-sucedidas, ainda que esconda mazelas bastante penosas. Como um acordo reconhecido em cartório, é definido e delineado o “abuso autorizado da perversão”.

O sujeito detentor do suposto saber, o perverso que acredita ser capaz de chegar ao gozo através do objeto estático, terá a sua suposição de como chegar à esse gozo como aderente e dominante na relação, uma vez que o sujeito neurótico se vê incapaz ou proibido de deter tal conhecimento.

Em tal cenário, o objetivo do outro é negligenciado, e, para que o casal “funcione”, não é necessário o conhecimento profundo do parceiro, mas apenas de qual significante o outro é prisioneiro. Nesse sentido, a obra de Jean Clavreul intitulada “O Desejo e a Perversão”, de 1967, descreve: *“basta conhecer ao suficiente aquilo de que não consegue se libertar, aquilo que se presta para ser manejado a fim de fazê-lo atingir os picos da angústia e do gozo”*.

Assim, poderá o neurótico usufruir do suposto saber do caminho do gozo e da unidade que detém o sujeito perverso; e o perverso, usufruir da disponibilidade do neurótico de abandonar a singularidade para validar seu falo.

Mas por que o neurótico teria aderência a esse caminho? A posição do neurótico por si só é insatisfatória, pois além do seu gozo ser impossível, é dele que o neurótico se defende. Na lógica de montagem de uma relação perversa, o neurótico concorda pelo sacrifício da sua própria singularidade

para assumir-se como objeto estático condicional do gozo. O cenário se torna atrativo e o preço da própria singularidade parece pequeno, uma vez que a outra possibilidade seria o gozo sempre inatingível.

E, por fim, torna-se possível o gozo.

Portanto, quando o neurótico coloca no perverso a possibilidade de ser detentor do lugar de saber, faz-se a única relação possível para o perverso.

O contrato, além de definido, deve ser secreto. Isso pois, vai contra os princípios que regem as trocas sociais convencionais. No casal perverso, há uma alternância entre carinho e maus-tratos. Os picos de angústia e gozo se intercalam em forma dissonante ao ritmo da esfera social.

O sigilo é tão importante para a manutenção da relação que, caso o segredo do contrato deixe de ser velado por algum dos dois e for exposto, o contratado é anulado e a união se desfaz. Essa é a principal razão para a separação do casal, a quebra do contrato ou do sigilo do mesmo se sobrepõem à questões de fidelidade, violência ou desrespeito.

Enquanto na neurose o sujeito supõe que o outro saiba sobre seu gozo, na perversão, o outro assume dois lugares: o do instrumento que apropria-se do lugar do pai e o de alocador do lugar de saber.

Isso pois, o perverso sabe sobre a castração- inevitavelmente, assim como sabe que é insuperável-, e ainda sim quer negá-la. Não é uma negativa diante de algo que não é capaz de saber existir, mas diante de algo que sabe que existe e precisa negar.

Por isso o outro precisa assumir os dois lugares: o lembrá-lo da castração, retomando o lugar do pai (aqui, como figura inicial da castração), e depois, ser superado pelo perverso.

Assim, quando o par do perverso aloca o lugar de saber no perverso e o caracteriza com o falo que lhe é faltante, se resgata tanto a própria existência da castração, quanto a imunidade do perverso a ela. Se performa a ilusão da negação da castração, que existe, mas cujo falo do perverso é tão potente que não se atinge por ela.

O outro carrega o falo flácido, e, no contraste, o perverso vê seu falo ereto e seu caminho certo para o gozo.

A Perversão no Laço Social

Quando abordamos o caráter relacional em questão, pensamos na *montagem*, no laço social, ainda que através das estruturas. Nesse sentido, não há sobreposição entre os dois olhares, mas uma complementação em conjunto, e se faz relevante uma pincelada sobre o conceito das estruturas.

As estruturas, que na psicanálise freudiana se dão a partir do complexo de Édipo, castração, respectiva angústia e identificações ao significante fálico, se organizariam, através dos indivíduos representantes, para a montagem de um sistema.

A dinâmica estrutural da metapsicologia (em suas dimensões tópica, dinâmica e econômica), apresenta a estruturação psíquica fundamental, com os diferentes perfis correspondentes aos mecanismos de regulação interna, que refletem em posturas e escolhas possíveis.

Já Lacan, entende as “fases” ou etapas, não através do desenvolvimento psicosssexual de Freud mas a partir de estruturas complexas e atemporais, organizadas a partir da relação com o outro na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo. Da sua teorização e registro simbólico, haveria um ordenamento do corpo operado pelo Outro.

É necessário entender a perversão como estrutura psíquica para que possa ser articulada dentro da abordagem do laço social, que ocorre tanto na relação entre sujeitos quanto na transferência da clínica psicanalítica.

Para tal, a montagem é o fenômeno prevalente, sendo a utilização e disponibilização das estruturas dentro da esfera relacional o enfoque do nosso olhar.

Nesse sentido, entendem Calligaris ou Aulagnier, junto a uma constatação de que há poucos perversos na clínica, o conceito de montagem perversa também para a situação em que dois neuróticos assumem uma montagem de perversão. Nesse caso, haveria uma associação entre um neurótico mais perverso e um neurótico mais neurótico, organizados em uma tentativa de se chegar à uma modalidade de gozo.

Assim, a organização da montagem por si só, a despeito de uma caracterização definida da estrutura psíquica do perverso, poderia instalar uma dinâmica de casal perverso.

No mesmo sentido, não é possível restringir a perversão apenas ao campo da sexualidade, ela é dotada de um caráter relacional prevaiente, com o laço social sendo o protagonista na definição de seus mecanismos psíquicos. Tal raciocínio é apontado no artigo “Angústia e Identificação”, de

Piera Aulagnier, e apresenta uma evolução do pensamento de perversão como conceito que trata unicamente da esfera sexual.

No entanto, as conjecturas sexuais funcionam como mecanismo simbólico central para a compreensão da perversão. Assim, observar a dinâmica sexual para a compreensão desse fenômeno, mesmo que ele ultrapasse em muito a esfera do corpo, pode ser um caminho interessante, ainda que não exauriente.

À vista disso, aplicamos a lógica de que o perverso é o personagem que precisa de uma encenação específica para gozar nos laços sociais, ultrapassando o recorte sexual para que abranja as esferas relacionais.

Afinal, o gozo, desejo, pulsão, controle, falo, castração,... são forças que operam em contextos muito além dos entre-lençóis da cama. Mas nos valendo da simbologia desses elementos dentro da esfera sexual, conseguimos uma compreensão gráfica de representação muito assertiva.

A evolução do termo não indica que há uma superação da sexualidade como campo de atuação e simbologia da perversão.

Caso Clínico e Transferência

Em se tratando da relação transferencial com o perverso, geralmente surgem duas possibilidades: ou o analista é colocado no registro da cumplicidade (ocupando algum desses dois lugares, de instrumento ou saber), ou, no registro do desafio. No primeiro, é como se o perverso colocasse o analista dentro do mesmo fantasma que ocupa, como uma testemunha e, no segundo, como se o analista fosse o Outro, e o perverso detivesse o saber de fazê-lo gozar.

Muitos autores, como Calligaris e Austin, notaram que é rara a presença de um perverso na clínica. Muitas vezes eles possuem características de resistência à auto indagação e questionamentos, ou, a perversão não os incomoda em um nível superficial a ponto de buscarem análise.

Por vezes, o perverso tende a acabar na clínica mais por indicação de outros, sejam pessoas do seu relacionamento, psiquiatras ou condenações que exijam tratamento psicológico.

Aqui, me valho de um caso particular que acompanhei, em conjunto com o meu grupo de supervisão. Trata-se de um casal que buscou atendimento psicanalítico em conjunto para tratar de questões relacionais, composto por uma mulher, de estrutura neurótica e um homem, de estrutura perversa.

Nesse caso em particular, quem solicitou a análise foi o próprio homem, o que acabou se mostrando como um mecanismo de assertividade da sua própria perversão. Ocorre que este homem se dirigiu à clínica, com sua esposa, para tentar legitimar a sua posição de controle, e a ausência de singularidade -já há muito estabelecida- de sua parceira.

Ele passou todo o período de análise buscando manipular a analista para que ela acreditasse que a parceira era a portadora das perturbações que geravam conflito entre o casal. Em análise, jamais foi capaz de admitir suas impotências ou sequer olhar para si, fazendo-o apenas quando era ferramenta necessária para o convencimento da sua própria normalidade.

A esposa, neurótica, e com self enfraquecido, tinha tendência a abrir mão da autoridade sobre o caminho para o gozo de ambos, e facilidade em se culpabilizar por todos os sintomas desvelados na situação a dois.

As manobras manipulativas do sujeito perverso eram tão bem forjadas, que não fosse a experiência e destreza da psicanalista, ela teria acatado, também, a sua visão, e legitimado a montagem ali estabelecida. E esse era o objetivo do esposo.

O que se observou na relação transferencial, foi a necessidade de um cúmplice, terceiro (analista), que teria o papel de ajudá-lo a recusar a castração. Isso se mostra necessário pois o perverso só conserva a ilusão de completude quando encontra respaldo naqueles que o cercam.

Não foi por coincidência que ele resolveu buscar a análise justamente quando a esposa, já bastante investida no seu processo de análise individual, começou a mudar algumas escolhas de abdicação da singularidade que havia feito. Ela buscava autonomia e a recuperação do dinamismo e originalidade da qual havia aberto mão quando fez o tácito contrato para adentrar no casal perverso.

Pouco a pouco, começou a retomar seu senso de indivíduo, voltando a se dedicar aos interesses pessoais, fazendo escolhas profissionais independentes da vontade do parceiro e inclusive havia marcado uma viagem internacional longa para fazer um curso que lhe interessava, mesmo que o parceiro não estivesse disposto a acompanhá-la.

O equilíbrio do pacto entre o casal se quebrou com essas iniciativas de retorno de subjetividade por parte da esposa, o que ameaçou fortemente a validação da recusa da castração que ela disponibilizava, antes, integralmente ao marido. Assim, ele se viu na necessidade de retomar ambos

aos lugares que costumeiramente ocupavam no acordo, assim como mais respaldo (analista) que o permitisse conservar a ilusão de completude na qual se encontrava. Caracteriza-se, assim, a necessidade de ganho secundário do processo de análise.

Na relação transferencial, o discurso perverso é bastante performativo, com o intuito de, fazer coisas, atuar. Segundo Austin “*o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação*”, de modo que “*se a recusa da castração leva a um arranjo ou encenação em que as outras pessoas são parte integrante, elas devem cumprir, nesse teatro, a parte que o perverso espera delas ou sua angústia sobrevirá*”.

Assim, com o próprio ato de falar, o perverso buscava envolver a analista para que ela atuasse na representação que ele precisava: respaldá-lo na ilusão de sua completude.

Buscou, então, já que a mulher não cumpria mais o seu papel nesse jogo performático do modo que pretendia, utilizar-se da analista para que a montagem perversa fosse restaurada de forma bem sucedida, e provocasse o efeito desejado: aniquilar a angústia de sua castração.

Ocorre que, com a mulher neurótica, que muito bem conhecia da castração, e se sentia impotente em relação a ela, era fácil essa dinâmica. Na medida em que a castração se evidenciava através dela, e ela se engajava na crença de ausência própria de saber fálico, o esposo se encontrava suficientemente validado em sua ilusão.

Já com a terapeuta, por mais que pretendido, não foi atingido o mesmo resultado. Ela não foi seduzida pela sedução performática do perverso, e ao não cooperar com a montagem, aumentou ainda mais a angústia.

A castração se tornou mais palpável para o sujeito que a negava, que interrompeu o processo de análise, que se tornou insuportável para ele. Após, utilizou-se de todas as ferramentas que pode para restaurar o anterior estado de cumplicidade perversa entre ele e a esposa, e, ao falhar, rejeitou-a por completo.

O casal se separou, a esposa, mesmo bastante desprovida de sua singularidade, após anos abdicando-a, fez a viagem e tentou, com muita angústia e experienciando um estado ainda maior de castração e inaptidão para achar o caminho do gozo, retomar sua subjetividade.

Além da breve e parcial ruptura que a esposa fez nos termos do contrato, quando buscou o resgate de sua subjetividade, houve a quebra do sigilo, vez que o contrato acabou se desvelando (ainda que nenhum dos dois tivesse falado abertamente disso) para a analista. O fato do contrato se tornar público o anula, gerando o desfazimento da união.

Aqui, com a ruptura do contrato e queda da dinâmica do casal perverso, ficou a esposa, já neurótica, ainda mais neurótica do que quando havia começado a relação. Isso pois, após décadas abdicando de ser quem era em sua singularidade, abriu mão de conquistar coisas próprias e da sua autonomia como indivíduo, tanto prática quanto emocionalmente. Assim, sua neurose encontrava uma série de evidências: não sei achar o gozo; não sei caminhar na vida; não soube traçar um caminho profissional; não consigo ser sem a guiança do outro; fui expulsa pra fora de casa e não sei nem me proteger, sustentar ou me cuidar sem meu esposo; não sei absolutamente nenhuma maneira de me guiar na experiência humana sem aquele outro que me completava e que de todo o saber que me falta me provia.

O grau de ausência de subjetividade que assumiu ao longo dos anos, como sua parte no pacto da manutenção do vínculo do casal perverso, a

tornou ainda mais debilitada em relação ao seu narcisismo necessário, e ela não era capaz de comportar nenhum suposto saber em relação a si mesma.

O esposo, por sua vez, viu-se em completa angústia ante a ausência de um objeto retificante através do qual poderia realizar sua perversão. Assim, desesperado por negar sua própria castração a si mesmo, buscou uma nova montagem perversa, com um objeto que pudesse respaldar sua posição fálica e narcísica, o reconhecendo como completo detentor de saber. Após duas semanas já havia se colocado em outra relação, também uma montagem com o mesmo escopo, e estava morando junto com uma nova parceira.

Aliás, o desespero para fugir da angústia e reconhecimento da própria castração, amparado por um outro objetual foi tanto, que, antes mesmo de propor a terapia, no primeiro sinal de “quebra de contrato” da mulher, ele já estava indo em encontros românticos e buscando um novo objeto fetiche capaz de cooperar com a sua perversão.

A certeza do perverso de que porta a verdade e seu superficial desapego à culpa fez com que a parceira assumisse toda a sua angústia. Assim, ainda que o par seja apenas um objeto parcial, é investido pelo perverso e desempenha uma espécie de função mágica.

No jogo perverso, a excitação erótica depende da certeza da inocência do outro. Ele goza com a própria culpa neurótica inconsciente, que então se denuncia através do outro. O erotismo cresce em proporção à angústia, aumentada pelo fato do perverso ocupar o lugar de ideal do eu para o seu parceiro.

No caso em comento, vê-se a imperativa necessidade do arranjo com objetos-outros para a reafirmação da montagem perversa, e subsistência da

crença de que não há castração. É necessário o engajamento do outro no jogo erótico proposto pelo perverso.

Em relação ao discurso do perverso, observou-se a extensa exploração da auto-referência do desejo narcísico do interlocutor. Seja na atuação com a esposa, com a analista ou com a nova amante, o perverso estendeu às mulheres o espelho narcísico idealizante dos próprios desejos delas mesmas. Tal abordagem atua como forma de sedução e também mecanismo para que pudessem dar a ele o olhar que mais alimentasse a totalidade de seu narcisismo, e conseqüentemente lhe repusesse o lugar de suposto saber e falo que necessitava ocupar.

Pois bem, mais uma vez se reitera o discurso performativo, não com o fim de comunicar, mas de atuar no sentido de brincar como a propriedade auto-referente; refazer a recusa da castração e da fragmentação do eu.

O perverso revive, através do seu sintoma de atuação da perversão, a experiência de onipotência desfrutada pelo eu ideal. Diferentemente do neurótico, que busca esse sentimento através dos ideais, ele precisa de um outro que ateste o sucesso da sua recusa à castração. Trata-se, portanto, de um mecanismo de reparação egóica operado pelo olhar de um outro.

Ocorre que, na perversão a castração não é apenas recusada, mas também admitida: o sujeito “sabe que... mas mesmo assim...”. Portanto, sempre se carrega a força da sombra do pai simbólico, mas que não pode sair da sombra, aumentando e qualificando a recusa da castração.

Sob essa ótica, a perversão se aproximaria mais da neurose do que da psicose. Além de ambas terem caráter objetal e simbólico, Freud caracteriza a criação do fetiche como produto do inconsciente, assim como os sonhos ou as neuroses.

Entende-se que a capacidade de colocar o véu sobre o objeto, fazendo com que ele reste imóvel, seja a capacidade primordial que faz com que o suposto saber e usufruto do gozo exista, e a castração possa, portanto, ser negada. Essa capacidade e a escolha de executá-la seria a principal diferenciação entre o neurótico e o perverso, visto que ambos sofrem do mesmo horror da castração, tem desejo objetal e simbólico, mas lidam com isso se colocando em lugares opostos: um tem um objeto definido e estático, e é detentor dos caminhos para o gozo; o outro, tem objeto dinâmico e impreciso, e é incapaz de deter qualquer conhecimento ou autonomia de guiança que o leve ao gozo (cujo objeto ele sequer sabe o que é).

O perverso precisa retomar a experiência de onipotência do eu ideal, voltando à identificação primordial antes da escolha do objeto, afinal, não é sobre o objeto em si, mas sobre a fuga da falta. Nesse sentido, escreve Zalcberg: *“O perverso necessita da materialização dessa imagem [falo] como suporte de seu ser, desmentindo o que aparece na cadeia significativa sob a forma de falta”*.

No caso em comento, a potencialidade do falo do perverso ficou extremamente marcada. Nesse sentido, insiro um episódio que se deu mesmo após a consolidação da ruptura do casal. Passados mais de um ano da separação e o término da análise, a analista recebeu um contato da ex-esposa.

A mulher relatava estar atormentada com um sonho que se repetia há semanas, com tamanha vivacidade que era incapaz de se desligar dele, mesmo muitas horas depois de haver despertado.

O sonho consistia no seguinte: o seu ex-marido retomava o contato com ela, e a seduzia novamente, em um jogo irrecusável -aí já começava o

tormento da mulher, que se via imobilizada e concordando em se abrir para um contrato que tanto mal já lhe havia causado.

Apesar de saber da violência psicológica, física e financeira que havia experienciado na relação, não conseguia negar, e o desejo de retomá-la era maior do que a força da recusa.

Conforme a mulher ia se autorizando a retornar à relação, o que era um processo longo e detalhado no material onírico, ela ia voltando aos lugares de poder secundário que ocupava mediante a potência do marido: voltava a habitar na casa do casal, a coordenar os funcionários da residência, a auxiliar o marido em suas grandes empreitadas empresariais, a andar no barco da família, e a ocupar sua posição de esposa prestigiada perante o recorte social que estavam inseridos, etc.. Cabe comentar que eles moravam em um bairro no qual a família do marido era muito influente, donos de uma série de empreendimentos, como a marina local, o aeroporto, shoppings e uma vasta gama de empreendimentos imobiliários. Nesse contexto, a esposa ocupava uma certa posição de autoridade secundária derivada da autoridade do marido.

Ela ia retomando a casa, a relação e o contrato. Aqui, observa-se que não houve nenhum tipo de consumação ou contato sexual até que a conquista do marido sobre ela fosse plena. Era preciso acertar todos os termos do contrato antes que houvesse relação.

Depois da sucumbência ao alinhamento, chegava o momento de consumir a relação. Aqui, ocorre o elemento mais graficamente freudiano e interessante do sonho.

Quando o marido abaixava as calças, para se relacionar com ela, se revelava um enorme pênis. Não que o pênis do marido fosse pequeno na vida

real, mas no sonho, ele aparecia completamente imenso. “Era como se uma luz recaísse sobre aquele elemento, e tudo mais ao redor ficasse no escuro”.

Ao se deparar com aquele falo, ereto, gigante, potente, a mulher ficava embriagada. Eram proporções imensuráveis por qualquer tipo de régua ou métrica. Ficava completamente hipnotizada pelo desejo que aquele símbolo representava. Então, se ajoelhava em reverência perante Ele, se prostrando pequena diante daquele enorme monumento.

Exasperada com tamanho poder, performava alguns rituais de adoração, validando a existência e a grandeza daquele falo ereto. Após, justamente quando chegava o último momento antes da penetração, acordava.

E esse sonho se repetia, diariamente, com intensidade avassaladora.

A mulher se encontrava totalmente abalada e incrédula com a repetição do sonho. Não se conformava com o desejo imenso pelo falo outro, e com a sua submissão à ele.

Havia passado o ano seguinte à ruptura se dedicando intensamente ao seu restabelecimento. Investiu, muito conscientemente, em sua subjetividade: buscou uma carreira, autonomia, colocar sentido na própria biografia. Ela havia feito a viagem que programara antes da separação do casal, engatado na sua própria carreira e até mesmo conseguiu alugar um apartamento próprio e sair da casa dos pais, para onde havia sido despejada quando foi expulsa da residência.

Ela buscou se desvencilhar de uma série de padrões ditos co dependentes em relação ao outro, fez análise três vezes por semana durante

todo o período e se utilizou de todas as ferramentas que podia para se reconstruir.

Mesmo assim, ainda desejava o pênis. Não entendia como era possível.

E foi contando o sonho que ela percebeu: o que ela desejava não era o pênis em si, atacado ao corpo do ex-marido.

Em uma primeira instância, se deu conta de que desejava todo aquele poder que ela tinha através do outro. Por mais que houvesse galgado em sua vida pós separação, estava longe de se proporcionar sozinha as estruturas que tinha através do casamento: não tinha barco, marina, cobertura em frente ao mar, potência sobre as pessoas ao seu redor e muito menos certeza ou segurança dos caminhos e trajetórias que percorria. Tudo aquilo que ela tinha na relação, na qual se sentia absolutamente segura de que a vida que levava fazia sentido, pelo sentido que ele atribuía a ela.

Mas a sua frustração não decorria simplesmente do fato de que seu falo, até então, parecia pequeno e impotente em relação ao falo que a ele a proporcionava.

Num exame mais detalhado, percebeu que o seu desejo não se resumia só à potência que agora lhe faltava -inclusive em todo esse período de separação, apenas se abriu para se relacionar uma vez, com um homem que era impotente, o que só acentuava a sensação de impotência que ela sempre teria sem o ex-marido.

Não era só o falo ereto e duro com certeza, realizações, bens, conquistas gigantes e suposto saber que ela desejava.

Mesmo passado todo esse tempo, e feitos tantos esforços no sentido de lhe atribuir autonomia, aquela mulher ainda desejava fortemente atribuir a um outro a potência e a guiança do caminho ao gozo. O desejo não era somente pelo falo que a potencializava e preenchia, mas também pela possibilidade de sua devoção a ele.

Como não via em si a possibilidade para o gozo, desejava fortemente poder contar com a figura do outro, em seu pretense falo sempre ereto e imune à castração. Desejava poder se curvar diante dele, e abdicar plenamente de qualquer suposto saber em função do outro.

Não era só a potência que agora não possuía, mas o desejo de terceirizá-la, como uma necessidade de reafirmar a sua castração irrestrita. Desejava aquele símbolo de poder para poder legitimar o seu local de ausência de poder.

Muito mais do que a potência do próprio falo em si, se tratava da potência que ela atribuía a ele.

O encantamento, com as reverências, diminuições e prostrações do sonho eram o objeto sobre o qual recai a camada mais profunda do desejo; para além de não ser capaz de ter aquele pênis ereto e competente em sua vida sem ele, ela não tinha a capacidade de alocar o suposto caminho para o gozo. E desejava profundamente atribuí-lo ao outro, torná-lo possível.

Após tais considerações, essa mulher deixou de repetir o sonho. E começou a desejar vias de transferir, em alguma medida, a si mesma, a validação monumental que depositava no outro. Concluiu que era ali que estava o verdadeiro monumento.

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, P. Angústia e identificação. In *Percurso - Revista de Psicanálise*, n.14. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1995.
- AUSTIN, J. L. How to do things with words. 2nd. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARANDE, R. (1980). Poderemos nós não ser perversos? Psicanalistas, ainda mais um esforço. In: M'UZAN, M. (et al). *A sexualidade perversa*. Lisboa: Veja.
- CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural J. Lacan, 1986. 80 p.
- CALLIGARIS, C. (1993). *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: La passion de l'instrumentalité*. Tese (Doutorado). Université de Provence Aix-Marseille I.
- CLAVREUL, Jean. *O desejo e a perversão e outros*. São Paulo: Papyrus, 1990
- FREUD, S. (1905/1971). Three Essays on the Theory of Sexuality. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 123-246.
- FREUD, S. (1919/1971). A child is being beaten: a contribution to the study of the sexual perversions. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 175-204.
- FREUD, S. (1927/1971). Fetischism In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 147-158.
- FREUD, S. (1940/1971). An Outline of Psycho-analysis. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 139-208.
- FROTA, E. (2005). *Pela travessia da perversão: leitura crítica de suas configurações psicanalíticas*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-RJ. Rio de Janeiro.
- GILLESPIE, W. (1956). The General Theory of Sexual Perversion. *International Journal of Psycho-Analysis*. 37: 396-403.

- HYLDGAARD, K. (2004). The Conformity of perversion. *The Symptom Online Journal for Lacan*. com nº 5. <http://lacan.com/conformperf.htm>
- LACAN, J. (1962-1963/1997). *A angústia*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- LAPLANCHE, J. & Pontalis, J.B. (1967) *Dicionário de Psicanálise*. Santiago de Chile: Editorial Borda, 1972. [Lin
- PEIXOTO Jr., C.A.(1999). *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SACHS, H. (1923/1986). On the Genesis of Perversions. *Psychoanalytic Quarterly*.
- ZALCBERG, M. As histéricas contam-nas uma por uma: da solução “perversa” na mulher. 1995. 207f. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.